

Economia - Brasil

O mundo de fantasia da ekipekonômica

Ainda há tempo para que a ekipekonômica poupe a galera de seu exercício anual de quiromancia. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, vem lendo num baralho de tarô que a economia brasileira crescerá 2% em 1998. O Planalto fala em 3%. Poderiam ler um crescimento de 222% e daria na mesma, porque o baronato de Brasília prevê para não explicar.

Quando o ano está terminando, em vez de dizerem o que houve, dizem o que haverá. Assim, livram-se da cobrança do que prometeram. Agem como um colegial que tirou 4 em Matemática e entra em casa dizendo que ano que vem tirará 8.

Vale a pena revisitar as previsões desses sábios, comparando o que estão entregando hoje, com aquilo que prometeram lendo as cartas do ano passado.

Malan previu que o crescimento do Produto Interno Bruto ficaria entre 4,5% e 5%. (FFHH falava em 5%). Ficará em torno de 3,5%. A economia brasileira fechará 1997 com um crescimento inferior ao da média latino-americana.

O ministro Antônio Kandir previu, no final de 1996, a proximidade de um triênio no qual a economia brasileira cresceria, na média, em 5%. Beleza. Para sustentar essa fantasia ela deverá crescer mais de 10% em 1999, porque 1998 a vaca já levou.

O ministro da Fazenda disse que o déficit comercial brasileiro ficaria em torno dos US\$ 5,5 bilhões de dólares registrados em 1996. Ficou em 9 bilhões. Mais perto do dobro.

Seu secretário-executivo, Pedro Parente, previu um superávit de 1,5% do PIB nas despesas do governo. Conseguiu 0,5%. A diferença de um ponto percentual equivale a R\$ 7,7 bilhões.

Parente sustentou que o aumento real da dívida pública não seria superior ao crescimento da economia. Ela passou de R\$ 176 bilhões para 205. Um aumento real de 11%. Se o Brasil tivesse crescido como cresceu a dívida, não haveria desempregados nas grandes cidades e se Parente fizesse



Na montagem, o ministro Pedro Malan e o presidente do BC, Gustavo Franco, vistos pelo que seriam seus "lados asiáticos"

se previsões desse tipo numa empresa privada, iria para a rua por justa causa.

O grande artista da quiromancia foi o presidente do Banco Central, Gustavo Franco. Como tem estilo e audácia, previu que 1997 e 1998 seriam anos "sem graça" na área externa. Com a palavra:

- O Brasil vai ficar mais asiático, com olhinhos bem puxadinhos. (...) Vamos assumir nossa identidade de país que cresce e recebe investimentos. Nossa lado asiático.

Franco previa um crescimento de US\$ 10 bilhões nas reservas cambiais. Perdeu US\$ 5 bilhões. Acreditava que o ano terminaria com um déficit externo em torno dos 24 bilhões de 1996. Terminará em 32,4 bilhões, 35% acima.

A sabedoria econômica de Gustavo Franco assemelha-se à sabedoria comercial de Assis Chateaubriand. Chatô dizia que, uma a uma, as empresas de seu império jornalístico davam prejuízo, mas o conjunto dava lucro. Franco não acerta uma, mas, acha que acerta no conjunto.

Pode-se argumentar que todas essas comparações contêm uma cruel injustiça, pois houve uma crise na Ásia e a economia brasileira sofre involuntariamente seus efeitos. Falso. A crise só contaminou quem decidiu ficar no grupo de risco, e o contágio se deu na proporção da vulnerabilidade do apostador. A taxa de juros brasileira é a maior do mundo (maior mesmo que a coreana) porque o Governo expôs a economia a uma vulnerabilidade

temerária.

No dia 24 de março, no Rio de Janeiro, Franco participou de um debate no Instituto Atlântico. Teve à mesa o professor Eduardo Giannetti, da Universidade de São Paulo e dele ouviu restrições à política de manutenção de déficits externos. Gianetti apontava para a questão da vulnerabilidade que essas políticas carregam. O barão respondeu que o problema era secundário, pois a Tailândia, Malásia e Indonésia tinham déficits maiores que o brasileiro, girando nos 7% do PIB. A Tailândia começou a quebrar em maio. A Malásia, em julho. A Indonésia em agosto.

Foi o destino quem botou Giannetti e Franco na mesma mesa. Isso porque àquele altura o professor já tinha acabado de

escrever seu livro *Auto-Engano*.

Admitindo-se que a ekipekonômica faz previsões desastradas porque se auto-engana (a outra alternativa seria de que está enganando os outros), ele teria algo a aprender lendo o que escreveu Giannetti.

Primeiro em relação ao exercício da atividade intelectual:

- A boa conduta da mente no esforço cognitivo requer, entre outras coisas, a honestidade de não se dar como sabido o que se ignora, o respeito à evidência e a disposição de não facilitar as coisas para si mesmo.

Cobrar isso de um ser humano é cobrar muito. O auto-enganho é coisa séria. Giannetti ensina que ele levou Robert Boyle, o pai da química moderna a morrer feliz, em 1691, convencido de ter descoberto a fórmula que transformaria os metais comuns em ouro. O filósofo inglês Thomas Hobbes provou matematicamente a quadratura do círculo. Diante deles as aventuras da ekipekonômica são conversa de camelô.

Os barões padecem da "hipnose da boa causa", definida assim pelo economista inglês Alfred Marshall: "Torna as pessoas aptas a enxergar apenas e precisamente aquelas partes da verdade econômica que estão de acordo com sua política, e a permanecer honestamente cegas para as que não estão".

Segundo Gianetti, que infelizmente não colocou o exemplo em seu livro, o dilema da política cambial brasileira já foi ilustrado pelo economista Irving Fischer, de Yale. Equivale à situação do sujeito que tem uma goteira molhando o sofá de sua sala. Quando chove, ele não a conserta porque é perigoso subir em telhas molhadas. Quando não chove, deixa para consertar a goteira no próximo fim de semana.

Não se pede à ekipekonômica que se torne infalível. Pede-se apenas que em vez de prever o que vai acontecer no ano que vem, explique direito o que aconteceu no ano que passou.